

FINADO, FALECIDO E DEFUNTO (A): A VARIAÇÃO DIAGERACIONAL NA PERSPECTIVA DOS DADOS DO PROJETO ALiB E DO ROMANCE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Natália Rocha CARDOSO¹
Marcela Moura Torres PAIM²

Resumo: O seguinte trabalho tem o objetivo de fazer um estudo diageracional, baseado nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em torno da questão 135 do questionário semântico-lexical: “Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que ela tinha em vida. Como é que se referem a ela?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.32). Ademais, serão estudados também, os referentes encontrados no livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. Seguindo as orientações dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, embasado na pesquisa Geolinguística Pluridimensional, foram feitas as análises quantitativas e qualitativas das respostas dadas por informantes das faixas etárias I e II (18 e 30 anos e 50 a 65 anos), dos sexos masculino e feminino, com nível de escolaridade fundamental e universitário (na capital) e apenas fundamental (nos demais municípios). Ademais, para dar embasamento teórico aos estudos, foram aplicados os conceitos na área de Dialectologia apresentados nas obras de (ARAGÃO, 2020; CARDOSO, 2016; PAIM, 2011, 2020, 2021), além de dicionários de língua portuguesa. Dessa maneira, foi possível identificar as diferenças entre as formas antigas para se referir a uma pessoa que já morreu, assim como compreender como se faz essa designação hoje em dia.

Palavras-chave: Projeto ALiB; Finado; Falecido; Defunto (a); Léxico.

Abstract: The following work aims to make a diagerational study based on data from the Linguistic Atlas of Brazil Project around question 135 of the semantic-lexical questionnaire: “In a conversation, to talk about a person who has already died, people usually don’t treat her by the name she had in life. How do yo refer to her?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.32). In addition, the referents found in machado de Assis's book Memórias Póstumas de Brás Cubas will also be studied. Following the ALiB’s data orientations, based on the Multidimensional Geolinguistics research, Were made quantitative and qualitative analyses of the responses given by informants of age groups I and II, male and female, with elementary and university education level (in the capital) and only elementary school (in other municipalities). Moreover, to give theoretical basis to the studies, the concepts in the area of dialectology presented in the works of (ARAGÃO, 2020; CARDOSO, 2016; PAIM, 2011 e 2021), in addition to Portuguese-speaking dictionaries. Thus, it was possible to identify the differences between the old ways to refer to a person who has already died, as well as understanding how this designation is made today.

Keywords: ALiB Project; Deceased; Lexicon.

¹ Graduanda do curso de Letras - português e espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco e bolsista de Iniciação Científica (CNPq). Email: natalia.cardoso@ufrpe.br

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia e professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: marcela.paim@ufrpe.br

Introdução

De acordo com Velasco (2003, *apud* PAIM, 2011, p.10), “[...] o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. Portanto, cada grupo possui a sua forma de expressar-se, jovens e idosos possuem diferenças em seu falar.

O português brasileiro é rico e diverso, essa variação representa a identidade do país: sua cultura, seu contexto social, sua história. Esse tesouro lexical pode ser estudado de forma mais profunda através dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em consonância com a literatura de nosso país.

O estudo do léxico permite a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e da preservação de parte da sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural, além de possibilitar a documentação da variação lexical. Realizar este estudo também vem a contribuir para o objetivo mais amplo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no que diz respeito à realização da descrição da realidade linguística do Brasil, no que se refere à língua portuguesa, enfocando a identificação das variações diatópicas e léxico-semânticas no âmbito geolinguístico pluridimensional. (PAIM, 2020, p. 161).

Dessa forma, em primeiro lugar, será detalhado o processo metodológico percorrido para a construção do mesmo. Em seguida, com o intuito de comparar o falar dos mais jovens e dos mais velhos, assim como identificar possíveis diferenças e semelhanças entre o vocabulário das diferentes faixas etárias, além da relevância que essa informação tem para esses indivíduos, iremos, portanto, com base nos dados do Projeto ALiB, identificar as respostas dadas para a questão 135 do questionário semântico-lexical: “Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que ela tinha em vida. Como é que se referem a ela?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.32)

Ademais, verificaremos a aplicação semântica desses termos dentro do texto literário do século XIX Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, para saber se os termos encontrados na obra, a propósito de nomear uma pessoa que já morreu, são os mesmos identificados nos dados do Projeto ALiB, bem como o significado que o autor atribui a essas variantes. Por último, serão feitas as considerações finais a respeito do explanado.

Dialetologia e os estudos de variação lexical

A Dialetologia é a disciplina que estuda as variações dialetais associadas a uma determinada região ou a um determinado grupo social. Nos primórdios, estes estudos eram feitos a partir de uma perspectiva unidimensional, ancorados na metodologia da Geolinguística, em outros termos, as variações linguísticas eram identificadas apenas do ponto de vista diatópico sem levar em consideração fatores externos que influenciam no falar de um determinado grupo. Atualmente, embora a diatopia ainda seja uma prioridade dos estudos geolinguísticos, reconhece-se também os fatores socioculturais que compõem a língua.

A Dialetoologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados. Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialetoologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. (CARDOSO, 2016, p.1)

Ademais, é importante ressaltar o caráter multidisciplinar que envolve esse tipo de pesquisa. De acordo com Paim (2021, p.178),

No que se refere ao primeiro dos aspectos, a concepção do Projeto conduziu a que se recorresse a diferentes campos do conhecimento. A definição da rede de pontos para levantamento de dados requereu aprofundado conhecimento no âmbito da história, da antropologia, da demografia, da geografia física, humana e política e, sobretudo, dos estudos culturais, da economia de cada região, do desenvolvimento social e político, do aspecto religioso.

Por conseguinte, os dados do Projeto ALiB englobam não apenas uma visão diatópica da variação do português brasileiro, apesar de ser a *priori* seu principal interesse, mas também o diastrático, tendo em conta a idade dos informantes, a escolaridade, o sexo, entre outros fatores, numa tentativa de representar da melhor maneira possível a realidade linguística do PB. Ainda em tempo, é importante destacar que os questionários do ALiB abordam diversos tópicos presentes no cotidiano do falante, dentre os quais encontram-se questões a respeito do ciclo de vida.

O referido questionário, utilizado nas entrevistas, investiga os nomes dados a conceitos pertinentes a 14 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religião e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios e vida urbana.

Conforme Paim (2020, p.176), “Os estudos que têm sido realizados a partir de dados do ALiB têm demonstrado que o *corpus* reúne uma amostra significativa da diversidade lexical do português falado no Brasil” (PAIM, 2020, 176). Sendo assim, é uma maneira de ampliar a visão com relação ao PB, desmistificando o sentido de uma língua homogênea, além do que, permite aos falantes do português ampliar o conhecimento que já possuem de seu idioma nativo. Paim (2021, p.179) aponta, além desses, alguns outros pontos positivos da metodologia utilizada pelo Projeto, ressaltando

como o mesmo tem contribuído para o avanço da ciência no âmbito da Linguística. São eles:

- a) o questionário linguístico – o questionário linguístico do ALiB, pela sua amplitude com relação aos diversos níveis de estudo da língua, tem servido de base para a elaboração de questionários específicos, em pesquisas diversas, para trabalhos de pós-graduação e para a realização de atlas linguísticos regionais;
- b) a implementação de atlas regionais, com o conseqüente crescimento de grupos de pesquisa na área da Dialectologia, e o aumento do número de trabalhos de pós-graduação sobre aspectos da dialetologia brasileira.

No presente artigo, entretanto, o enfoque está nas diferenças e semelhanças no falar dos mais jovens e dos mais velhos. Os grupos de cada faixa etária possuem maneiras específicas de expressar-se, tendo em vista que são gerações que cresceram em épocas distintas com contextos socioculturais divergentes em que a educação era diferente, tal como suas vivências. De acordo com Paim (2011, p.15),

Seria mais produtivo dizer que há sempre formas alternativas de significar – de atribuir sentido a – domínios particulares de experiência, o que implica “interpretar” de uma forma particular, de uma perspectiva teórica, cultural ou ideológica particular.

Cada indivíduo confere a um vocábulo um sentido, um juízo de valor, que lhe é imposto pelo meio em que vive, com quem se relaciona. Dessa maneira, algumas expressões do vocabulário dos avós podem parecer antiquadas ou inadequadas pelos seus netos, assim como algumas gírias do vocabulário dos jovens podem causar certo estranhamento para alguém de idade mais avançada, fator que geralmente ocasiona ruídos comunicacionais. Sendo assim, um estudo sobre variação lexical pode aproximar as gerações, proporcionando uma experiência de aprendizado, além de ampliar conhecimento a respeito do léxico, bem como eliminar preconceitos e barreiras existentes.

Metodologia

A metodologia seguida para a realização deste trabalho foi o da Geolinguística Pluridimensional. Sendo assim, foram realizadas as transcrições grafemáticas, além de análises tanto quantitativas como qualitativas das entrevistas produzidas previamente *in loco* por pesquisadores capacitados e selecionados pelo comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Dessa maneira, foram analisadas as respostas dadas por 51 residentes das localidades: Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia. Esses indivíduos são obrigatoriamente das faixas etárias I e II (18 e 30 anos e 50 a 65 anos), sexos masculino e feminino, com nível de escolaridade fundamental e universitário (na capital) apenas fundamental (nos demais municípios).

Este estudo de caso foi realizado em torno da questão 135 do Questionário Semântico lexical do projeto Atlas linguístico do Brasil dentro do tema ciclos da vida: “Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que ela tinha em vida. Como é que se referem a ela?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.32). Essa questão foi escolhida por apresentar elementos importantes sobre a variação diageracional, em outras palavras, ressalta diferenças entre

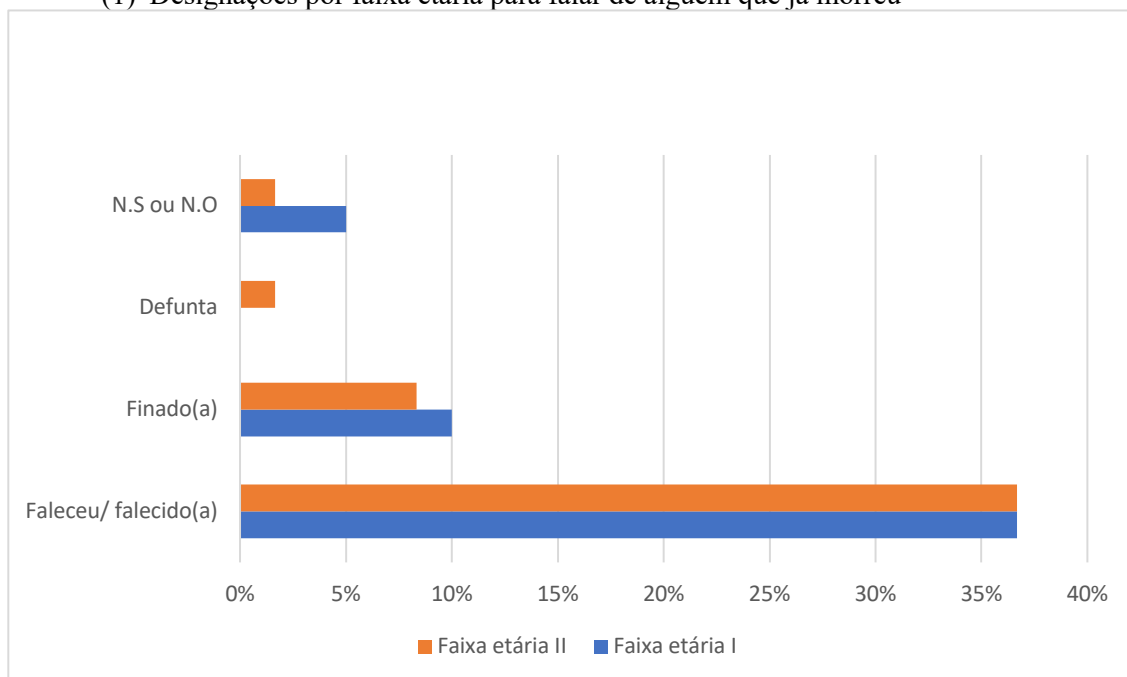
o falar dos jovens e dos mais velhos. Ademais, é possível destacar a carga semântica de cultura e crenças, tanto individuais como coletivas, presente nos usos do termo *finado*, *defunto* ou *falecido*.

Esse estudo tem como fundamentação teórica as obras de (ARAGÃO, 2020, CARDOSO, 2016; PAIM, 2011, 2020, 2021), que apresentam grandes contribuições para a dialetologia e para os estudos lexicais, assim como definições encontradas nos dicionários digitais Aulete e Michaelis, além do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de autoria de Machado de Assis, para uma análise da aplicação do léxico dentro da literatura.

Como se referem os mais jovens e os mais velhos a uma pessoa que já morreu?

Por meio de uma análise quantitativa, é possível fazer comparação de resultados obtidos entre grupos sociais distintos nas localidades de Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia. Assim sendo, pensando na variação diageracional, é possível, através dos números, perceber, por exemplo, a variante que aparece mais no falar dos mais velhos, assim como dos mais jovens, aquela que ganha mais destaque na fala de um ou outro, ou que não se concretiza em determinado vocabulário.

(1) Designações por faixa etária para falar de alguém que já morreu



Fonte: elaboração própria

Conforme o gráfico 1, dentre os informantes entrevistados, foram detectadas as seguintes respostas para a questão 135 do Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil: **falecido (a)**, **finado (a)** e **defunta**. O mais comum é o uso do termo **falecido**, relativo a 37% das respostas para os indivíduos de ambas as faixas etárias; o menos usual, o item lexical **defunta**, por seu turno, aparece em uma única resposta

correspondente a 2%. Ademais, às respostas que não foram obtidas, ou cujas os informantes não souberam responder, tiveram maior ocorrência entre os informantes da faixa etária I, o que implica o não uso ou desconhecimento por parte dos jovens sobre os itens lexicais, podendo-se tratar de uma forma de tratamento que não é comum no falar dos jovens.

Ao realizar uma pesquisa em dicionários de língua portuguesa encontram-se algumas definições para os termos, sua aplicação em orações, bem como expressões cotidianas nas quais são aplicados com alteração de sentido.

(1) Definições para **finado**

| | Fontes | Definições | Exemplos |
|--------------------|--------------------------|--|---|
| finado fi·na·do | Michaelis On-line (2022) | Adj 1 Que se finou. 2 Que morreu sm Aquele que morreu; defunto, falecido. | 2 “A causa das suas perseguições foi um desastre acontecido na família de um seu finado amigo, a quem ele prestou o serviço de amparar” (JP). “– A senhora mostrou isto a alguém? – Não, senhor, nunca mostrei a ninguém, este caderno estava guardado desde que o finado se foi, todo empoeirado num baú” (JU). |
| | Aulete Digital (2022) | a. 1. Que se finou 2. Diz-se de quem morreu ou acabou de morrer sm. 3. Morto, defunto [F.: Part. de <i>inar</i> . Ideia de: <i>fin</i> -.] | |

Fonte: elaboração própria

(2) Definições para defunto

| | Fonte | Definições | Expressões |
|----------------------|-----------------------|--|--|
| defunto de·fun·to | Michaelis (2022) | <p>adj</p> <p>1 Que faleceu; morto.</p> <p>2 Relativo a quem morreu; extinto.</p> <p>3 Que caiu no esquecimento; esquecido, olvidado.</p> <p>sm</p> <p>Cadáver de uma pessoa.</p> | <p>Defunto sem choro: pessoa que não tem protetor; desprezado.</p> <p>Matar defunto, COLOQ: falar de assuntos que todos já conhecem.</p> <p>Não poder ver defunto sem chorar: querer tomar parte em todos os acontecimentos.</p> <p>O defunto era maior, COLOQ: diz-se de roupas que estão muito grandes para a pessoa que as usa.</p> <p>ETIMOLOGIA <i>lat defunctus</i>.</p> |
| | Aulete Digital (2022) | <p>a.</p> <p>1. Que morreu</p> <p>2. Próprio de defunto (palidez <u>defunta</u>)</p> <p>3. Que foi esquecido</p> <p>sm.</p> <p>4. Aquele que morreu</p> <p>5. O cadáver daquele que morreu</p> <p>[F.: Do lat. <i>defunctus, a, um</i>. Hom./Par.: <i>defunto</i> (sm.), <i>defunto</i> (fl. <i>defuntar</i> [v.].)]</p> | <p>Defunto sem choro:</p> <p>1 Bras. Pessoa desprotegida, abandonada, desprezada.</p> <p>Matar defunto:</p> <p>1 Bras. Contar uma história já conhecida.</p> <p>Não poder ver defunto sem chorar:</p> <p>1 Não ficar indiferente a nada, e querendo participar de tudo</p> |

Fonte: elaboração própria

(3) Definições para falecido

| | Fonte | Definições | Frases |
|-------------------------|-----------------------|--|---|
| falecido fa·le·ci·do | Michaelis (2022) | adj 1 Que expirou, morto. 2 Que carece de alguma coisa; falho, minguido. sm O que morreu; morto. ETIMOLOGIA <i>part de falecer, como sp fallecido.</i> | “– Oh! Você fala francês? – Um pouco. A falecida senhora me ensinou. Era uma santa! Não é justo que a maldição tenha caído sobre ela”(EL1). “Esta cidade, falecida do essencial, precisa de um bom administrador.” “O falecido deixou a viúva na indignância.” |
| | Aulete Digital (2022) | a. 1. Que faleceu, morreu 2. Que precisa de algo: sm. 3. Quem já morreu 4. Quem precisa de algo [F.: Part. de <i>falecer</i> .] | “Tinha saudades do falecido mestre.” “Um campo ralo, falecido de ervas de bom pasto.” O falecido não deixou herdeiros. |

Fonte: elaboração própria

O que chama a atenção nessas definições é como, por exemplo, é realizado o emprego da palavra **defunto**, conforme o quadro 2, de forma metafórica em algumas expressões do cotidiano como “o defunto era maior”, defunto sem choro não poder ver “defunto sem chorar” e “matar defunto”, que mostram a realidade do uso da língua. Ademais, vemos que **finado, falecido, defunto** podem cumprir a função de substantivo quando o nome não é expresso na oração, bem como adjetivo tal como quando precede um nome próprio, qualificando-o.

Implicações socioculturais no uso dos termos falecido, finado e defunto

Uma palavra não pode ser estudada apenas de modo isolado. De acordo com Aragão (2020, p.69), “Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos”. Em outros termos um vocábulo só vai adquirir sentido quando analisado dentro de um contexto, ou seja, por meio da observação da prática da oralidade.

Sendo assim, é possível extrair vários elementos da forma de falar específicos de um determinado grupo de uma determinada faixa etária, sexo, idade ou localidade, bem como identificar o sentido que o informante atribui a um lexema, além de captar sua intenção, bem como a relação de sentido atribuída pelo interlocutor ao falar sobre determinado assunto. Dessa forma, serão apresentados, a seguir, a título de exemplificação, alguns trechos de inquéritos recolhidos *in loco* por pesquisadores devidamente selecionados e preparados pelo comitê do Atlas Linguístico do Brasil, para um estudo mais minucioso e realista sobre as respostas dadas para o QSL 135.

(1)

INQ. – Numa conversa, pra falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam pelo nome que ela tinha em vida. Como é que a gente se refere a ela?

INF. – Ah, é uma palavra muito feia, num gosto, é **finada**, né? ai, num gosto.

INQ. – Então como que você chamaria?

INF. – Como que eu chamaria?

INQ. – É, como que você se refere, por exemplo, a seu marido?

INF. – Ai, cê sabe que eu nunca falo que ele **faleceu**, eu sempre falo faleceu, né, num...mas, num me fale, num gosto quando a pessoa fala “o **finado** do teu marido”, isso é a palavra certa, mas eu não gosto.

INQ. – Então você não usa.

INF. – Não, não uso.

INQ. – Nem pra se referir assim, lá o seu A. lá, o seu tio lá, você nunca fala o finado seu A?

INF. – Não, não.

INQ. – Nunca fala.

INF. – Eu só falo meu tio que falo meu tio que **faleceu**, minha tia que **faleceu**, essa minha irmã que **faleceu**, mas **finado** eu não uso essa palavra, mas pra mim falam muito.

INQ. – E quem é que fala assim? pessoas mais idosas, pessoas mais jovens?

INF. – Posso te falar quem é que me fala, as pessoas que são do Norte.

INQ. – Ah!

INF. – Normalmente, que eu tenho muitos amigos, né, e eu tenho certeza quando a pessoa que fala é do Norte.

INQ. – Ah, você já sabe. É uma marca, né?

INF. – É uma marca, aqui não, eu sei que é o nome, mas eu num falo essa palavra, eu sou mais assim de **faleceu**, meu marido **faleceu**, meu pai faleceu, assim, **finado** não uso.
Informante 179-4 (São Paulo, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Na fala da informante do primeiro exemplo, é possível perceber um tabu linguístico com relação ao uso da palavra **finado**, talvez motivado por questões culturais ou pessoais da informante que afirma não gostar de utilizar a expressão. Nesse sentido, “a língua pode revelar os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade [...]” (BAYLON, p. 50 *apud* ARAGÃO, 2020, p.68). Além disso, a maneira de dizer “é reflexo da vida socioeconômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual” (FIORIN, 2000, *apud* PAIM, 2011, p.12). Ademais, de acordo com a informação da entrevistada, trata-se de uma marca do falar do Norte, podendo ser considerado, assim, uma variação de cunho diatópico.

(2)

INQ. – Numa conversa, pra falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam pelo nome, né, como é que ele se refere a essa pessoa que já morreu?

INF. – Então, ah...**finado**, mas não é uma palavra, meu avô usa essa palavra, os jovens já não usam mais, então quer dizer.

INQ. – Então, como você se referiria a um amigo seu que morreu, se você fosse falar dele, tipo ah, assim, o M., cê não chamaria de finado, “ah, o finado M.”?

INF. – É, não, as vezes chama-se de **finado**, mas o M. que morreu num tem uma maneira.

INQ. – Como os antigos.

INF. – É, como os antigos, que meu avô, todo mundo que morreu ele fala “o finado Z., “o finado...”, a gente não, “ah, o D., “tenho um amigo que morreu, D.”, “ah, o D. que morreu daquela vez”, tal, não tem uma palavra específica, assim, não usa-se **finado D.**, assim, uma coisa meio arcaica, soa arcaico, assim.

INQ. – Ficaria muito mal, né, no meio do teu grupo, você falar assim?

INF. – Acho que não ficaria mal, mas também não soa natural, eu acho, né?

Informante 179-5 (São Paulo, homem, faixa etária I, nível universitário)

No trecho de número dois, pode-se verificar a identidade diageracional no item lexical **finado**, quando o mesmo informa que o termo é mais utilizado pelo seu avô e que soaria “arcaico” quando utilizado numa roda de conversa com seus amigos, não costumando se referir a uma pessoa que já morreu com uma palavra específica.

(3)

INQ. – Numa conversa, pra falar, assim, de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam, eh...pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

INF. – Fulana.

INQ. – Que aquela pessoa já morreu, né aí cê não quer tratar do nome, você não quer dizer assim, o nome daquela pessoa, né, cês não costumam dizer assim “o defunto” (inquiridora queimou a pergunta).

INF. –Não.

INQ. – Sempre fala só fulano o nome, né?

INF. – Fulana.

Informante 181-3 (Itararé, homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Na resposta 3, pode-se perceber que para o entrevistado é natural utilizar apenas o nome próprio sem acrescentar o adjetivo anterior.

(4)

INQ. – Numa conversa, pra falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam pelo nome que ela tinha, né?

INF. – É

INQ. – E se refere a ela como?

INF. – Falecida, né, mas, a bem mais antiga era defunta, né, “ah, o **defunto** fulano, lá”, né falava assim, né.

Informante 182-4 (Capão Bonito, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

No quarto exemplo destaca-se a variante **defunto** que, por sua vez, foi a menos produtiva deste recorte de dados, aparecendo apenas uma vez. Ademais, trata-se de uma variação diageracional por remeter a uma forma mais antiga.

Registros da literatura do século XIX

A obra de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, foi publicada pela primeira vez em 1881. O romance é narrado em primeira pessoa, nesse caso, o escritor optou por ter em sua história um narrador personagem, em outras palavras, é o próprio Cubas que conta a sua história, contribuindo para o humor presente nas obras de Machado. Como esse romance tem o foco na história de alguém que já morreu, é possível, por meio de uma leitura apenas superficial e parcial, identificar formas pelas quais naquele contexto, se referiam a essas pessoas, assim como a captar o sentido com o que o escritor emprega aquele termo, qual sua intenção ao aplicar determinada construção sintática. Vejamos alguns exemplos:

(1)

“Pode ser obra de **finado**” (ASSIS, 2017, p.8) grifo nosso);

(2)

[...]duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um **autor defunto, mas um defunto autor**, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (ASSIS, 2017, p.9, grifo nosso)

No segundo exemplo, o autor explica que a escolha de um narrador póstumo para sua obra tem o objetivo estilístico de enriquecer a escrita, inovar, algo em que logrou êxito. Entretanto, o propósito deste estudo é captar o sentido dessas terminologias nas sentenças.

Na primeira oração, **obra de finado** tem um tom irônico característico da escrita do autor, mas possui o mesmo significado atribuído não só pelos informantes dos dados do projeto ALiB e nos dicionários: um adjetivo masculino indicador que é uma obra de alguém que já morreu, escrita por alguém que já se foi. Na segunda frase, ao fazer um jogo de palavras “autor **defunto**” e “**defunto** autor”, altera-se também o sentido ao enfatizar que um defunto está escrevendo naquele exato momento em que está contando a história, e, assim como finado na primeira frase, também se refere a uma pessoa que já morreu, nesse caso, na ficção: o autor, ou seja, narrador personagem. Dessa forma, o significado também está de acordo com a questão 135. Em adição, é possível afirmar que as expressões referidas não surgiram ou ganharam popularidade na atualidade, mas já se encontravam presentes na literatura brasileira produzida em séculos anteriores. Veja-se a seguinte frase:

(3)

“[...] talvez a **finada** dieta germânica”. (ASSIS, 2017, p. 13, grifo nosso)

No exemplo 3, **finada** é empregada com o mesmo sentido encontrado nos dicionários remetendo a algo que não existe mais, que chegou ao fim ou está extinta. Em contrapartida, a escolha proposital de palavras chama a atenção do leitor para a temática do romance, adquirindo também um tom irônico. O sentido literal de “algo que se finou”, a dieta germânica, se distingue do encontrado nos dados do ALiB, pois não se refere a uma pessoa, um ser humano, mas a um objeto inanimado. Pode-se, então, ver que a um item lexical pode ser atribuída uma variedade de significados a depender da mensagem que o interlocutor deseja transmitir.

Considerações finais

Esse percurso, através da perspectiva dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, assim como da literatura brasileira, possibilitou compreender que estudar a variação lexical permite ao pesquisador, bem como o leitor, aprender mais sobre um determinado grupo social, compreender seu modo de pensar, seus costumes, suas crenças. Identificou-se durante as análises os itens lexicais: **finado**, **falecido**, **defunto**, assim como um vocábulo pode ter vários significados, isso, porém, depende de sua inserção em um contexto, seja ele um texto escrito ou na prática da oralidade.

Os dados quantitativos mostram que os jovens conhecem os termos, entretanto, as análises dos trechos de inquérito possibilitam ir mais além, revelando que atualmente não é habitual, inclusive para algumas pessoas da faixa etária II, colocar esses termos antes do substantivo, falando apenas o nome. Os dados, também, dão indícios de que, além de ser uma marca de faixa etária, são também uma identificação de moradores de uma determinada localidade, como reconhece uma das entrevistadas, questão passível de ser abordada em projetos futuros. Além disso, o uso da construção sintática composta por **adjetivo + nome próprio** pode ser tido como tabu linguístico para algumas pessoas, por motivos de crenças, cultura, assim como questões pessoais.

Por fim, dentro do texto escrito por Machado de Assis, encontram-se os termos **finado** e **defunto**, também identificados nos dados do Projeto ALiB. Em algumas ocasiões, esses termos possuem o significado literal, como, por exemplo, nas respostas

dos entrevistados. Em outros momentos, um sentido denotativo ou que foge do significado identificado na fala dos informantes, é também ilustrado nas passagens do romance, assim como nas expressões cotidianas apresentadas nos dicionários. Seus usos ao longo da trama têm por objetivo captar a atenção do leitor, assim como apresentar um tom humorístico, enriquecendo-a.

Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. *Acta Semiotica et Lingvistica (ASEL)*, João Pessoa (PB), ano 44, v. 25, n. 1, p. 67-81, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/53670>. Acesso em: 22 dez. 2021
- ASSIS, Machado. Memórias póstumas de Brás Cubas. *In: Clássicos da literatura*. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2017.
- AULETE, Caldas. **Falecido**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/Falecido>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- AULETE, Caldas. **Finado**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/Finado>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- AULETE, Caldas. **Defunto**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/defunto>. Acesso em: 15 mar. 2022
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2 mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- COMITÊ NACIONAL. *Atlas linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Eduel, 2001.
- MICHAELIS. **Falecido**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=falecido>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- MICHAELIS. **Finado**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=finado>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- MICHAELIS. **Defunto**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=defunto>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical no Atlas Linguístico do Brasil. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri et al (org.). As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2020. Cap. 8. p. 161-178. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3554>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- PAIM, Marcela Moura Torres. Jovens e idosos escolhem as mesmas palavras? *Entrepalavras*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 7-24, out. 2011. ISSN 2237-6321. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1/44>. Acesso em: 09 mar. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.1.1.1.7-24>.
- PAIM, Marcela Moura Torres. Nas trilhas da fraseologia a partir de dados orais de natureza linguística. *A Cor das Letras*, [S. l.], v. 22, n. Esp., p. 171-185, 2021. DOI: 10.13102/cl.v22iEsp.7477. Disponível em:

<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/7477>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Submetido em 30 de março de 2022.

Aprovado em 19 de julho de 2022.